

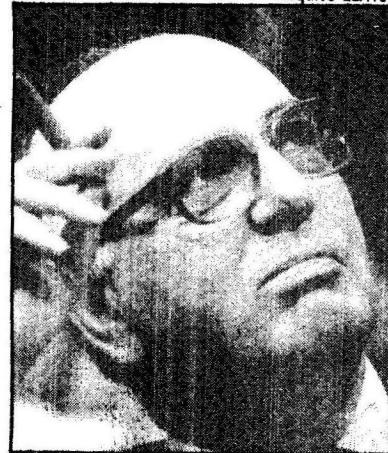
Plano Brady para dívida ainda enfrenta ceticismo

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — As reações à nova proposta dos Estados Unidos para a solução da crise da dívida externa dos países latino-americanos têm sido moderadas de parte dos próprios credores e de instituições e personalidades que vinham exigindo uma providência urgente para aliviar os países devedores. Elas podem ser resumidas numa frase ouvida várias vezes ontem em Washington: "É preciso ver para crer".

Há um consenso de que o ponto essencial para o sucesso da nova política sugerida pelo Secretário do Tesouro, Nicholas Brady, é saber que impacto real ela terá na diminuição dos pagamentos do serviço da dívida. Por isso, um elemento chave é o volume de capital a ser utilizado pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional para financiar os mecanismos de redução do estoque da dívida — que é o eixo do já chamado "Plano Brady". Esse dado não foi divulgado por ele. Mas um de seus assessores confidenciou que o total não chegaria a US\$ 10 bilhões por ano.

— Serão dedicados alguns bilhões para esse novo esquema, mas o número redondo deverá ter apenas um dígito — disse ele. Pelos cálculos de



Volcker: uma ajuda limitada

Paul Volcker, ex-Presidente do Federal Reserve (o Banco Central dos EUA), a estratégia de redução da dívida será "uma ajuda limitada para diminuir a transferência de fundos que os devedores remetem todos os anos para os países credores". Segundo ele, no caso específico do Brasil, seria necessário convencer os bancos privados a reduzirem mais da metade da dívida nominal (US\$ 60 bilhões) para que o benefício fosse significativo.

— Cada dólar reduzido no estoque da dívida significa um decréscimo de

Arquivo 22/7/87



Camdessus: é preciso ter cautela

Arquivo 5/5/88

acréscimo nos juros poderia anular completamente os ganhos que um país possa ter obtido numa negociação de redução do estoque da dívida. Por esse motivo, ainda que seja favorável à redução de uma parte do débito — "isso é oportuno e, ao mesmo tempo apropriado" — o Diretor Geral do FMI, Michel Camdessus, alertou que os credores não devem investir todas as suas energias numa mudança radical na sua política com relação à dívida externa.

Na opinião do Presidente do Bird, Barber Conable, a nova política deve ser conduzida de forma cuidadosa para não comprometer a saúde financeira dos bancos e dos organismos multilaterais, "ou dissipar desnecessariamente o capital que eles necessitam para atender a outras de suas responsabilidades". Conable disse que essa posição pode não parecer muito idealista, mas que sua preocupação é ser realista:

— O idealismo é bom, mas à medida que se aproxima da realidade seu custo se torna proibitivo — comentou.

O Presidente venezuelano, Carlos Andrés Peres, parece não ter se entusiasmado muito:

— A intenção do novo plano é boa. Mas são passos muito tímidos, que não satisfazem às aspirações dos povos da América Latina.